

Economia - Brasil

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy
Paulo Roberto Ferreira Levy
Luiz Fernando Cirne Lima
Roberto de Souza Ayres

GAZETA MERCANTIL

Sábado, 26, e segunda-feira, 28 de maio de 1990

DIRETORIA

Diretor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy

Diretores Vice-Presidentes

Henrique Alves de Araújo
Roberto Müller Filho
Roberto de Souza Ayres

Página 4

O Brasil vive hoje um paradoxo a um só tempo desafiador e perigoso. Na mesma oportunidade em que o governo demonstra decisão e coragem na execução do seu programa modernizador e liberalizante — anunciando a demissão de funcionários, privatizações e desregulamentação —, o setor privado exhibe uma aparente paralisia e marca a sua presença na economia mais pela cautela e pelo conservadorismo do que pela audácia e espírito empreendedor, que devem ser a sua característica.

A explicação para o que acontece não é difícil de encontrar, de ambos os lados. O governo sofre a contradição entre o traumatismo provocado no mercado pelo abalo sísmico do congelamento de ativos, com que inaugurou sua atuação, e a proposta de diminuição da intervenção do Estado na economia, que agora anuncia e procura executar.

Os empresários, que por longos anos pregaram e exigiram a desestatização e uma maior abertura do mercado brasileiro, insistem, em grande parte, em duvidar tanto da

eficácia das medidas oficiais quanto da sua própria capacidade de promover o progresso, sem o amparo e a proteção do Estado.

O desafio de uma situação desse jaez só pode ser superado pela decisão da iniciativa privada de assumir a iniciativa, que a designação, não sem motivo, lhe impõe — porque no regime da livre iniciativa esta é o complemento que a liberdade de ação econômica inexoravelmente exige.

O perigo deriva do fato de que uma atitude temerosa e extremamente conservadora, no momento em que se desenha no horizonte um cenário de recessão, pode vir a ser, desafortunadamente, o elemento desencadeador das consequências temidas.

Alguns indícios conjugam-se nesse sentido. O DIEESE divulgou um índice de 10,6% para o desemprego, em São Paulo, na semana em que a federação do comércio diagnostica-

va uma queda das vendas do varejo nessa mesma praça, de magna importância para a economia nacional. E isso, no momento em que o Banco Central, avisadamente, aumenta a dose de austeridade da política creditícia, provocando uma inevitável tendência de elevação da taxa de juro.

Embora esses dados sejam entre si congruentes e apontem o caminho da diminuição do ritmo da atividade econômica, pode-se encontrar no mercado algumas situações no mínimo intrigantes: a demanda por certos artigos provoca elevação de preços e há escassez de alguns bens tanto na oferta para consumidores quanto para o próprio comércio.

Quem acredita no regime de mercado e na liberdade econômica conhece um único antídoto para o veneno que se consubstancia no círculo vicioso da recessão e do desemprego: é a ousadia do espírito empreendedor, a visão

dos homens que sabem comandar os meios de produção e abrir caminho para o futuro.

Para que esse espírito se manifeste, e produza seus benéficos resultados, é necessário que a mentalidade nova substitua a antiga, que se abandonem os vícios gerados pelo lucro fácil da ciranda financeira e pela aconchegante inércia do protecionismo oficial.

A liberalização pela qual o povo brasileiro optou nas eleições presidenciais abre espaços que a iniciativa privada precisa ocupar com dinamismo e com arrojo, sob pena de permitir a criação de um vácuo prejudicial à organização social e ao seu progresso.

O povo acreditou na proposta da sua elite mais avançada e moderna, de que um regime mais livre seria capaz de gerar maior felicidade. Ele certamente não escolheu esse caminho para sofrer mais.

Aos empresários compete empreender, encontrar soluções, correr riscos e criar oportunidades para merecer o sacrifício e o trabalho árduo que os brasileiros estão dispostos a oferecer em troca de um futuro melhor.